

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Directora*

VICTORIO BHERING CABRAL — *Superintendente Geral*

MARCOS SA CORRÊA — *Editor*

FLAVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Contra a Educação

O ciclo grevista que o país vem atravessando atinge a educação de maneira especial. Estamos perto da desarticulação do sistema de ensino, com a persistência das greves e a perturbação que elas causam nos alunos, sobretudo os mais jovens.

O processo de alfabetização, por exemplo, é extremamente delicado. É um movimento que não pode ser interrompido sem que se desmanchem quase todos os seus efeitos. Crianças pobres têm mais dificuldade de aprender, e são elas que pagam o preço mais alto por esse transtorno constante na estrutura pedagógica.

Os baixos salários dos professores são mencionados como representando a chave de todo o problema — e ninguém ignora que eles são baixos. Não há nada de mais sério, para a sociedade brasileira, do que inverter esse quadro.

Também nisto, o Brasil é o país dos contrastes. Nos países desenvolvidos, a diferença entre o salário de um professor universitário e o de um professor primário é irrelevante. Em certos casos, é o professor primário quem ganha mais — o que tem a sua lógica, pois o início da educação é um momento crucial.

Aqui, o setor público pode pagar NCz\$ 250 a um professor primário e NCz\$ 2.500 a um professor de universidade. Trata-se, como é óbvio, de um processo esdrúxulo. Como corrigi-lo?

A responsabilidade é igual para todas as partes. As secretarias de educação dos estados e municípios, em sintonia com o MEC, teriam de começar, por sua conta, a reforma que, na verdade, se cobra de toda a máquina administrativa brasileira. No Estado do Rio, o início desse processo identificou 20 mil professores que não dão aula, de um total de 100 mil — isto é, 20% de evasão dos mestres que possuem um pistolão para fazer coisa menos trabalhosa do que dar aula. Partindo do princípio de que o salário dos professores é baixo, mestres e padrinhos não têm muita cerimônia em solicitar transferências e assim se tiram professores das escolas, e se dificulta um reajuste salarial.

Do lado da sociedade, o interesse pelo assunto também é perfunctório. O brasileiro médio

ainda não se acostumou a entender a educação como o cimento e a alavanca da sociedade. Tem lá os seus motivos para isso. Numa época em que o *bicheiro* é a figura social em ascensão, como explicar a um jovem que a velha filosofia da esperteza, substrato da nossa psicologia social, só leva a desvios tortuosos, e nunca à construção de um país moderno? Entre os mais pobres, muitos sentem confusamente que é preciso estudar; mas esta atividade tem-se tornado tão difícil para eles, que à primeira repetência de uma criança apanhada nas malhas de uma iniciação precária, os pais decidem que o esforço é vão, que a criança é burra, e tem mais é que colaborar com a economia doméstica.

Um grande esforço de convencimento e de reforma, liderado pelo setor público, teria de ser efetuado para mudar quadro tão desfavorável; mas ninguém parece disposto a isso — nem os professores. A eles caberia a parte mais consciente da ação pedagógica. Mas não é o que está se vendo. O baixo nível da categoria empurrou-a para uma ação de tipo sindical que está se revelando desastrosa.

Pois é evidente que num país tão deseducado quanto o Brasil de hoje, o cenário pedagógico não poderia ser alterado de um momento para outro — a começar pela categoria dos professores, onde um grande número apresenta formação insuficiente. Mas a classe está atraída por uma visão sindicalista que pouco ou nada tem a ver com a educação.

Seria essencial mostrar que a educação é uma tarefa como nenhuma outra — e seus agentes merecedores do maior respeito. Escolher atuação semelhante à de qualquer sindicato é deseducar mais ainda — alunos, pais e professores. Se apostar sempre na confrontação e no impasse, o magistério não se afirma por onde teria de se afirmar: pela capacidade de trabalho, e pelo amor à profissão (pois é impossível ser professor, ou ser médico, sem um mínimo de idealismo). E o círculo fica girando no vazio, enquanto o país amarga a sua estreiteza de horizontes. Nesse andar da carruagem, seremos sempre pobres, espiritual e materialmente.